

# RENASCENÇA

FOLHA LITTERARIA

ASSIGNATURAS

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MÊZ

ASSIGNATURAS

PROVINCIAIS

Por tres meses . . . 2\$500  
Por seis . . . 3\$500

REDACTORES

Teixeira Duarte, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida,  
Vieira da Silva e Alfredo Neves.

CORTE

Por tres meses . . . 1\$300  
Por seis . . . 2\$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVENBRO DE 1878

NUM. 7

## Expediente

Aos nossos assignantes, que ainda se achão em debito commosso, continuamos a rogar favor de nos larsaldar a importancia de suas assignaturas por cartas registradas pelo correio.

Os originaes que não forem publicados não serão restituídos.

## RENASCENÇA

Rio 15 de Novembro de 1878.

De hontem data a nossa vida politica na commutação dos povos livres.

Temos nos musculos a seiva exuberante e o vigor possante da mocidade. Entretanto apresentamos aos olhos do mundo os symptomas de um povo já velho e decadente.

A ambição de governar, aspiração aldis nobre e elevada, prostitue todos os caracteres, mesmo os mais fortes e melhores intencionados.

As bandeiras dos partidos estão rotas.

O povo ri-se e encara tudo com indifferenti-mo esmagador.

Poucos são os que conseguem furtar-se a ambição e a indifferença.

Esses, os verdadeiros patriotas, esses que embora arrodios da vida publica a

acompanhão attentamente, esses que preferem a obscuridade aos curvopéis de uma gloria falsa e abastardada, esses clarão os males presentes na patria, e lião os olhos no futuro, porque ainda não desesperam de sua regeneração.

A politica não faz parte do nosso programma. Somos ainda muito noços.

Se suggerirão-nos á mente essas considerações é porque contemplamos com profundo pezar que até a mocidade,—esperança hoje, realidade amanhã—até a mocidade deixa-se arrastar pela torrente funesta que nos assberba.

O contagio é pernicioso. A invade os bancos escolares.

Já não ha espirito de classe. Este espirito nobre, que constitue a associação, um dos principaes thermometros da prosperidade, da grandeza e da vitalidade de um povo, está morto entre nós!

Um egoismo torpe nos isoa.

Não ha esforço commun.

O nosso eu é tudo—absorve-nos completamente.

Ablica é nada—sacrificam-na a interesses particulares, e as vezes, a odios e paixões mesquinhas.

Tudo tentamem hão á acobitido com indifferença o succumbem ao pascepoiro victima na ironia estulta, do riso mofador, ou a falta de auctoridade.

através de deslumbrantes passas; nem sempre virejo no jardim de nossa imaginação variegadas e olorosas flores; nem sempre nos seduzem esses pequenos nadas, essas inutilidades que encerrão tanto enaudo, e tanto menção a existência.

Nem sempre.

Índali a difficuldade que ante o folhetinista, muitas vezes, para cumprir conscienciosamente a sua tarefa.

E é que acontece a *Sisyphus* hoje. Entretanto, leitor, é preciso convergar convosco, forçosamente, absolutamente preso. Assim me impõe a palavra de cavalheiro empenhado, a obrigação contrahida.

Mas como?

Hei de, renegendo as minhas theorias sobre o folhetim, embrealar-me pelos escabrosos atalhos, que nos conduzem as questões chamadas politicas, tão em toga nos tempos que correm?

Já é tempo de deixarmos de exhibir este espectáculo contristador.

Já é tempo.

A indifferença e a ironia devem ser abolidas dos bancos escolares.

Havemos de combatel-as e sempre.

Não fraquearemos.

A posição, modesta embora, que assumimos na imprensa e que estamos dispostos a sustentar, é um protesto vivo e eloquente contra estas duas ulcêras que corroem a mocidade.

## NOTICIARIO

Nesta ultima quinzena fomos obsequiados com os seguintes jornaes:

Diario de Campos, Besouro, Domingo, Violota, Actualidade, Mosaico-Ouro pretano, Arante de Minas, Gazeta de Lorena, O Liberal, Gazeta de Sorocaba, Piracicabano, Baependiano, Colombo, Independente, Mirim, Jornal da Tarde, Gazeta da Victoria, Echo Liberal, Pirilampo, Seculo Paulo Alfonso, Povo, Echo Feirense, Tribuna de S. Carlos e Caldense. Agradecemos.

*Jornal da Tarde*.— Na florescente cidade de Campos appareceu mais um jornal com este titulo. Enviando ao collega nossas saudações, agradecemos a remessa dos primeiros numeros, que temos recebido pontualmente. Permutaremos.

Não! mil vezes não.

A politica!

O que tem que ver o folhetinista com a apostasia do Sr. Lafayette; o republicano, com os raios do Sr. Gaspar, o tribuno, com as penas de ouro do Sr. Leunio, o moço, com as economias do Sr. Andrade, o pinto, com as preoccupações do Sr. Simião, o velho, com a grammatica do Sr. de Herel, o legendario, com a quasi não existência do Sr. de Villa-Bello, o barão raridade, com a inviolabilidade de S. M. o poeta, o sábio?

Nada, absolutamente nada.

E ainda ainda: se a indifferença é quasi que uma virtude nesta terra, por que razão eu, humilde folhetinista, eu que não tenho pretensões, eu que vivo só, segregado do bulicio do mundo, eu que pratico ermo, não hei de possuir tambem essa quasi virtude? Porque?

## FOLHETIM

O folhetim de um pequeno jornal litterario e quinzenal, como a *Renascença*, deve ser uma peça litteraria para todos os paladares: ameno, ligeiro e superficial até.

Um ramalhete de flores variegadas e singelas em que a combinação das cores, a suavidade do perfume e a simplicidade da modestia, ressumbrando, formão um conjunto admiravel e atractivo, que deleita a vista, falla aos corações e embriaga os sentidos com essa embriaguez suave e pura que não envilece.

Um rendilhado de pequenos nadas que cercão e matizão a vida e que resumem em si verdadeiras epopeias de gozos e venturas.

Mas nem sempre sentimos o espirito predisposto para devanear e perder-se pelas regiões ginotas e douradas das seismas e da fantasia, por essas regiões onde, enlevados, vemos tudo

## LITTERATURA

## A PRIMAVERA

O sol entrava no signo do Taurus. Ao cair monotono das neves do Apenino succedera a flor do esplanço alvar. Já começava a luta dos zephyros e dos flexíveis lírios, cuja meiga cor annunciava o primeiro sorriso da natureza.

A rosa ainda não tinha exhalado seus voluptuosos perfumes, porém a humilde violeta embalsamava as florestas, e milhares de folhas de um verde claro escapavam do seio dos botões vivificados por um orvalho benéfico. Cada folha encobria uma perola líquida e quando uma aragem fresca e agradável agitava a folhagem das arvores gotas puras e límpidas humedeciam a terra; o insecto fígado se agitava sob a erva, e o passaro batendo as azas bebia o licor celeste.

Oh! Tivoli! filha de Tibur, e vós também, antigos monumentos das artes, os olhos podem ver ao mesmo tempo fugir de vosso recinto ao grado os nevoeiros para as regiões hyperboreas e a fecunda natureza cobrir-vos de novas grandidas, semelhantes aos velhos da antiga Arcadia sentadas á sombra de um carvalho, e cercadas de flores por suas filhas.

Nesta estação diletta. oh! Tivoli! eu jurei pela primeira vez, teu solo antigo. Meus olhos ficarão se avidamente em tua grande cascata. Nunca esse sublime espectáculo da natureza apparecerá mais imponente aos olhos do viajor estupefacto.

As ondas do Anio, transformadas em uma immensa cascata, precipitavam-se com estrondo semelhante ao do trovão, na vasta bacia que a natureza tinha cavado.

O Vezuvio enfiado mágica com miras magestade. Oh! miraculosa harmonia! através do fragor confuso das vagas espumosas, distinguia-se por intervallos a melódica canção do cotiníol.

Cidades soberbias, não será também por acaso, no meio de vosses prazeres fictícios e corruptores, que eu hei de encontrar a paz! Das suas e as bellezas do inverno. Rustica e selvagem habitação das florestas e dos vales, não deixarei minha humilde habitação. E vós sumptuosos habitantes das cidades que gozais por deus, os deus

Eu a posso, lutar, sim, eu a posso, E como o indio indolente que se deixa levar em uma lancha pela correnteza do rio, caindo deslizando e indifferente a tudo que o cerca, assim também deixo-me arrastar pela torrente da vida sem me preocupar com a politica de nossa terra, sem mesmo olhar-a.

A politica?

O que é a politica entre nós?

O bafejo onde se consome o tempo em questões fúteis, mesquinhas, infantis e, as mais das vezes, meramente pessoas e repugnantes!

O minotouro dos principios e das idéas, das consciências e das reputações!...

E o que deveria ser?

A arena vasta e franca a todos os caracteres filiaes, a todas as intelligencias robustas e vibrantes; a arena dos debates dos principios nobres e elevados; desses principios sublimes que postos em pratica com criterio constituem em

ras da vida campestre, vos sorris da predade com a unica idéa de prolongar vossa habitação nos campos durante estas longas e austeras intemperies que affligem vossa molleza

Ah! quanto é facil desmascarar estes poéticos e mentirosos amores de nossas mulheres e de nossa gente do mundo á vida campestre! Respondei, seres frívolos: encontrareis ainda encantos durante a estação das geadas e das neves? O' natureza, natureza! terris, pois sob os tocos dançados, só amantes vulgares?

Agora deixemos os imponentes geleiras da Suíça, esses brilhantes effeitos de luz que scintillam sobre suas pontas agudas, esses abysmos, os precipícios coloridos de uma superbie enganadora de neve fragil delatado da qual estão aculltos o desespero e o morte, os torrenes suspensas, a grutas sinuosas: troupe feno nos para uma destas vistas flo estas não menos antigas, não menos veneráveis, que os picos elevados, vizinhos do céu, onde nem mais ser vivo pode respirar.

Alli se desenrola e fuge sob os olhares um sol ameno igualmente coberto de uma neve brilhante, cuja extensão o olhar não pode medir, nem pô supportar por muito tempo a immensa e fatigante altura. Grupos imponentes de arvores de tronco fenegrido levantam-se em massas callosas sobre este oceano immovel que reflecte myriades de raios luminosos.

Os olhos entrecerrados deslizo-se em seguida es desviam-se para: através destes longos ramos, sobrios, quacs flores de neve condensada enchiam esdhas tremulas, cujo bulicio era ha pouco semelhante ao das vagas do mar, anelles se reunia a solo por sua brancura intermitente.

Cedros rivos, sivas, pinheiros de diversas es perios intertendem este grandes contrastes

Suas folhas perpetuas avião ao mesmo tempo a saudade a esperança da primavera; apesar de sua cor alva e severa, a vista gosta de ali repositar.

Oh! que multão de sensações amargas e pesammentos horribes assaltam a alma e opprimem a uração do melle que se acha perdido na meio legas castas sobras.

G. PUGENS.

(Continua)

humana peanha de grandezza e de prosperidade do meu povo.

Mas... silencio!

Que canção errada ha eu seguida!... Que seola tortuosidade fmeista!

Desastrosamente, em um instante, ia desbratando os hallos contrahidos em meu erro, e o meu modesto programma de folhetinista, seji o querer.

A vontade nem sempre é forte e poderosa; frequentemente desce do seu throno de soberana absoluta, curti-se e deixa-se governar com a docilidade e a phedencia passiva de uma criança.

Ah! d'aquelles que não reagem! Ah! d'aquelles que cruzam os braços!

Mas Sisypho reagiu logo após e queda.

E a sua vontade curvada momentaneamente no jogo de um poder estranho e irresistivel, recuperou de novo a sua força muscular, e imperou soberana.

## PARTE SCIENTIFICA

A RENASCENÇA. OS INVENTORES  
(Conclusão)

## III

Na idade media tres sciencias disputavam o universo:

1.ª—Astrologia que se fundava em ligar os phenomenos humanos aos do mundo ideal.

2.ª—A alchimia que perseguia na materia, não só as leis da propria materia, mas, tambem os segredos de suas transformações.

3.ª—A magia que, julgando penetrar na causa essencial, lizongava-se de encadear a natureza á vontade do homem.

Fora e por cima das tres espheras agitadas do espirito humano, reinava a Igreja, em que se resumia a totalidade da sciencia.

Inimigos da alchimia, cuja sciencia hermetica julgava-se superior ao dogma; inimiga da magia cujo encantos, legendas e chimeras occupavam uma vasta região na alma dos simples; adversaria a essas sciencias fabulosas, a Igreja será amiga da verdadeira sciencia?

Na Polonia, nessa terra de todos os heroismos e de todos os martyrios, Kopernick seguindo a expressão de M. Humboldt, «bombardeou todas as idéas recues em astronomie», disse:—Uma lei e o paciente observação me ensinon que a ordem, a grandezza, o movimento dos astros e dos mundos tinham tanta relação com a administração geral dos céos, que, em qualquer de suas partes, a menor coisa não pôde ser transportada, sem que todas as outras não se perturbem e o universo não se confunda.

Durante trinta e tres annos trabalhou elle para o livro das revoluções dos mundos celestes:—*De revolutionibus orbium celestium*.

Depois Galileu, armado de um telescópio, continua o movimento da terra revelado por Kopernick: proclama-se o discípulo do grande Polaco; eleva-se ás

Não mais, não. não mais o folhetinista se desviará do caminho por elle traçado.

Conversará mesmo nas horas de indisposição, com as flores, aspirará o seu perfume embriagador, e vagará nos campos deslustrantes da fantasia.

Não mais.

Mais tarde, então, quando as illusões, quacs bandos de alcyones que emigram, o abandonarem; então elle deporá pezarosa sobre o seu tumulo, sobre esse tumulo que sempre ha de lhe despertar a alma gratas recordações, sobre esse tumulo onde fazem tantos devaneios desfeitos, uma coroa de saudades.

Mas, enquanto o desengano não lhe crestar as azas, elle alçará o vôo e se deixará embalar doce-

Quando se é moço vive-se de sonhos.

Sonhos.

SISTRUO.

noções mais puras e mais altas; contempla as estrellas; descobre os satélites de Júpiter, o anel do Saturno, as phases do Venus, etc.

A *Nova Astronomia* de Kepler, Galileu respondeu com as brilhantes paginas do seu — *Mensageiro dos astros*.

Jornalista sublime e sideral, revela a terra os annos do Saturno, do Venus ou de Hobe.

Dialogo intellectual da Alemanha e da Italia; communhão do globo e das estrellas.

O francez Bernado Palissy disse, por sua vez:

« Só tenho por fôrro o céu e a terra. A todos o tudo conheço: e ler esse bello livro. »

Ahi se funda a religião da natureza e da sciencia.

E' o verdadeiro catholicismo. Não conhece outro.

Se os solidos céos de Aristoteles e os céos mysticos da idade media foram batidos por Koppernick, Galileu e Kepler; se as estrellas, esses *pregos de ouro de um firmamento de cristal*, mudaram-se em sóas espalhadas no seio dos mundos; se não ser em vez de abater-se n'um canto do universo onde a fatalidade o encadeia, pôde dilatar-se incessantemente no meio de um oceano de vida sem limites; se a solidaria lade do genero humano estende-se alem do tampo e prolonga-se nas alturas e profundezas; se nós nos movemos, nós e todos os corpos do mundo; se em mim sinto respirar a alma universal; se a mea espirito sacia-se na fonte dos dias e se banha no eterno, o que me faltará?

AVELLAR ANDRADE.  
(Tradução).

## VARIEDADE

### UMA SENA DA VIDA

O quadro que vamos esboçar ligeiramente não é um devaneio.

E' uma historia ligubre, que lança o desespero e a morte n'alma de todos os personagens, alguns dos quaes ainda existem, que n'ella tomarão parte.

E' um exemplo vivo para aquelles que com prepotencia arremesão ao altar funesto dos interesses vis e das conveniencias estultas, corações cheios de seiva, de creença e de esperanza, e os humilham sem piedade.

E' a historia de duas almas grandes como a vastidão do sertão em que habitavam, serenos como o limpo céu meridional que as velava, bellas e poeticas como a natureza que as cercava.

A historia de duas corações que se encontraram, por acaso, um dia, na infôrcação da dozeza, ao desmaio da tarde, n'essa hora melancolica e terna em que o horizonte illuminado exprime uma tristeza, o cair das folhas uma saudade, o canto das aves um poema, o perfume das flores um idyllo, e os rumores confusos da mata fallão do amor e esperanza.

A historia de dois entes que virão-se, trocaram um rapido olhar, um desejo olhares mysteriosos e profundos que fazem estremecer a quem os affronta, um desses olhares magicos, expressivos e que tanto fallão ao coração e amarrão-se.

Ha destes phenomenos na vida real.

Não se os encontra somente na imaginação fecunda e inventiva dos poetas e romancistas.

E' que o amor é caprichosa e incompreensivel: brota, ás vezes, sem que o presintamos; fulmina-nos com a instantaneidade do raio.

E' que o coração do homem é um mysterio insensível, o perfido!

Perfura-o e descarnão-o com o estyete implacavel da analyse, e após vastas pesquisas encontrareis o que?

Um composto inmutavel de antitheses, mixto de trevas e luzes, vícios e virtudes, alegrias e dores.

O embate incessante do bem e do mal, duas potencias titonicas, verdadeiros antheos, que se chocão, ora vencidos, ora vencedores, sem se despedaçarem.

Tal é o coração humano.

Tal é a historia da humanidade.

Não longe das margens de um pequeno regato cujas aguas rolão susurrantes por entre um leito pedregoso e pouco profundo e vão confundir-se com as do Parahyba, no meio de uma paisagem agreste, esplendida, onde a natureza patentea todos os seus variegados primores, à beira de uma mata espessa, luxuriante, vê-se ainda hoje uma casa, denegrida pelo tempo, de construcção pezada, bastante espessa; tendo em cada extremidade uma escada de pedra, obra grosseira e antiga.

Em frente se elevão magestosas duas renques de palmeiras gigantes e imponentes.

Hoje abandonada, servindo de abrigo aos malfeitos e ás aves noctivagas, a *Casa Grande*, assim era ella conhecida, este espectro de pedra erguido no solido, inspira um certo terror supersticioso aos sertanejos, que não ousão abordá-la. Contão-se a seu respeito milhares de historias fantasticas; dezas historias com que se entretem os filhos do sertão nas longas e esfoladas horas do serão.

Na epoca em que se desenvolveu o drama, que vamos narrar, a *Casa Grande* não gozava ainda dos prós de encandida, como hoje, era, ao contrario, uma rima propriedade cheia de animação e de vida, habitada por uma distincta e antiga familia, cujo chefe, o Sr. Pedro da Silveira, a recebera em patrimonio.

Barba, mansueto, já velho, mas dotado de um vigor pouco commum em sua idade, trabalhador infatigavel, agradavel sem ser affectuoso, Pedro da Silveira era o tipo de homem methodico e pratico por excellencia.

Energico até a prepotencia, severo até a crueldade.

A sua vontade era absoluta.

A numerosa escravatura que o servia tremia submissa ao seu olhar.

Havia, contudo, um ente ante o qual essa vontade de ferro, essa energia indomavel algumas vezes se curvava: um ente que, tendo uma certa influencia sobre esse homem de bronzão exercia, ora com carinhos, ora com lagrimas,

para melhorar a sorte miseravel dos infelizes escravos.

Pedro da Silveira era pae.

Esse ente era sua filha.

Maria era a alegria dos habitantes d'aquella solidão, o anjo tutelar dos miseros filhos da Africa.

Morena, mas deste moreno embriagador que excita e transtorna os sentidos, allucina o espirito e que só se encontra nas filhas predestinadas do amizado sertão, grandes olhos negros, resgados, profundos, boca pequena, miuosa, artisticamente modelada, fronte ampla, intelligente e emoldurada por longos e bastos cabellos negros, que lhe pendião graciosamente sobre as espaldas, andar anguido, mas cheio de nobre altivez, corpo aereo, vaporoso, formas correctas e puras, alma sensível, terna e apaixonada, tal era Maria. Uaa formosura rara e estranha, uma belleza peregrina, irresistivel.

O.

(Continúa.)

## POESIAS

### MEDITAÇÃO

O sol vai se occultando  
Nas tuffas do occidente  
Formando um mar de fogo...  
Que quadro sorprendente!  
Oh' que hora tão saudosa!  
A tarde como é bella!  
Estruge a ventania...  
E o sino da capella  
Eis vibra — Ave-Maria.

No campo esvoaçando  
Os lindos passarinhos  
Em busca vão saudosos  
Dos seus amados ninhos.  
E o tímido rebanho  
O humilde pegureiro  
Conduz a certo abrigo.  
E o lasso caminhreiro  
Se acolhe à tecto amigo.

O rubeo reverbero  
Do sol sem magestade  
Nas aguas se reflecto.  
Do lago com saudade.  
E os lenhos dos barqueiros  
Se cruzão tristemente.  
E as garças alvejantes  
Deslizão mansamente  
Em bandos fluctuantes.

Minh'alma se electriza  
N'est'hora de tristeza:  
De um ser omnipotente  
Eu penso na grandeza  
A fronte seismadora  
Inclino sobre o seio,  
E o véo da divindade  
Eu tento com receio  
Solevantar... vaidade!



Depois triste medito  
No que vida se chama :  
— Um nada que ante a morte  
Se extingue, — vaga chama !  
— Um nada cercado  
De gozo e dissabores  
De luz, trevas, mysterios,  
De soluções, horrores,  
E sonhos delictorios !...

Então agras saudades  
Invadem o meu peito,  
— Tanta dos prazeres —  
As magoas sempre affeito.  
Na immensidade os olhos,  
Escuros pelo pranto,  
Fitando enristecido,  
Ao lar modesto o santo  
Envio um ai sentido.

# O LOUCO

No manto azulado  
A lua formosa  
Lançava, rixosa,  
Seos raios do luz;  
E as bellas estrellas  
Nas ares rolando  
Formavam, brilhando,  
Nos céos uma cruz !

A noite era linda  
As pallidas flores  
Deixavam odores  
Nos prados relar;  
E as folhas das arvores  
Tremendo orvalhosas,  
Brilhavam formosas  
A' luz do luar.

Ouvia-se no longe,  
No campo fagueiro  
De um riacho ribeiro  
As aguas relar  
E um eco tristonho  
De um canto sentido,  
De um foragido  
Se ouvia fallar :

« As nuvens nos ares  
La correm fagueiras,  
Fugindo ligeiras.  
P'ra o leito adorado.  
« Vem ver, oh! querida,  
Millhares de estrellas  
Que brillam tão bellas  
No céu azulado. »

« Oh! vem... E' tão bello  
Fallar-se de amores  
No meio das flores  
A' luz do luar !  
Não vens? ! Eu já sinto  
Meu peito gelado...  
Oh! sou desgraçado  
Já chega o penar ! »

« Ingrata ! Bendizes  
Do peito os soffreses  
Que out'ora prazeres  
Te deu a gozar ? !

Vae... Fuge!... Qu'importa  
São falsos amores...  
E eu soffro mil dores !  
Já chega o penar ! »

« Sou louco perdoar  
Donzella querida.  
Perdoar... esta vida  
Não quero ter já !...  
Ah! Deos ouve as preces  
De um louco prostrado,  
De um ser desgraçado!  
Seis grande, Jeová ! »

Calabrese. Piu vel-o  
Morreu!... Desgraçado,  
Jazia prostrado  
Por causa de amor !...  
Ao lado uma lyra  
Na relva lançada,  
Mostrava quebrada  
Ser louco o cantor !

AVELLAR ANDRADE.

## MISCELLANEA

Certo individuo, muito ignorante, enviando dizer que por baixo da terra ha outros habitantes que se chamavam antipedas, os quaes tinham os pés em opposição aos nossos, de modo que, se fosse possível fazer uma cova que chegasse á outra extremidade da terra nos conveniáramos dessa verdade.

Uma tarde que devia merendar com alguns amigos no seu jardim, mandou metter no fogo varias garrafas de vinho para que estivesse mais fresco, quando fosse para meza. Pali a pouca, passando por pé do fogo e vendo a sua sombra no funto, chamou logo pelo criado, e lhe disse: *Homen, tira já essas garrafas d'aqui para fora, senão, olha que aquelle antipoda que lá está cabulco deca-nos faga sua panga de rabo.*

Sexto V. antes de ser eleito papa, andava sempre muito enervado e arruinado a um hospital, affectando ser doente, e mais idoso do que na realidade o era.

Perguntando-lhe certo cavalei, logo depois de sua elevação ao pontificado, qual era a razão porque já não usava de bordão e andava tão direito, respondeu: *E' porque já achei o que procurava.*

1-1-1-2 Um tempero indispensavel ordena que não fique sob pena de soffreses, e se fores dar-te-ha em recompensa uma flor. O conceito é dispensavel.

1-2. Este verbo corre na Sibéria sendo mulher.

2-1. Esta planta no corpo é do Gôa.

Dumoulin, quando estava para morrer, dizia: « Deixo apos mim tres grandes medicos. » Como os seus collegas lhe podião que se explicasse, porque cada um delles julgava ser comprehendido no numero dos tres, disse Dumoulin: « A agua, o exercicio e a dieta. »

1-1-1. Não sendo boa está sempre alegre na musica.

## O DOMINGO

Não causou-nos estranheza a resposta que nos deu o redactor do *Domingo* em seu numero 43.

Nem todos são delicados,

Nós, porém, que somos ignorantes e bairros de senso continuamos perguntamos ao supedissimo redactor: Porque não nos mostrou na *Renascença* a phrase seguinte: « A sciencia da cegueira tor por meio o vicio da conhecer », que disse ser textual ?

Talvez que ficassomos confusos, porém o *sábio* collega ha de convir que ficou mais que nós.

E teve razão. Como é que podia mostrar-nos na *Renascença* uma phrase que elle havia forjado para caluniar-nos ?

Fugindo da questão, mostrou-nos o collega uma phrase, que na verdade havia sahido erradamente no nosso 1.º numero e que o *Domingo*, que o successor a ter inserivera para sua calificação da imprensa.

Convençidos do erro do traductor, callamos, apesar de ter o *Domingo* criticado a *Renascença*, estando embora, assignado o artigo. Porém a phrase caluniosa, que affirmava o collega ser textual, deve permanecer no 5.º numero da *Renascença*, pois que o *Domingo* que della deu noticia é o do n.º 43, que succedea a esse numero.

Ainda perguntamos ao collega:

Porque não mandou-nos o numero 40 do *Domingo* ? !

Um dos nossos collegas que de perto conhece o *sábio* redactor, pediu-lhe esse numero e que ficou em promessa, por assia convir.

Se o possimmos devemo-lo a um amigo.

Se o collega mostrar-nos a supradicta phrase, pedir-lhe hemos mil desculpas, por haver-o tachado de calunizador !

quanto a os mais e ras que nos aponta o collega no 6.º numero, pedimo-lhe para attender a corrigenda que damos.

Não temos, momento agora, tanto tempo como o redactor do *Domingo*, e nem tão pouca tanta pratica, razão a qual escapamos alguns erros na revisão das provas. Não arranjamos revisor porque é massa little praticar e aprender.

ERRATA — Pella prova com que foi tirado o nosso numero passado, n'elle sahiram alguns erros, que pedimos aos nossos leitores queiram corrigir do seguinte modo:

Onde se lê — diluvia — na pag. 1 col. 2.ª, leia-se — delirio. Na mesma pag. o col. onde se lê — Morat leia-se — Marat. Na mesma pag. col. 3.ª em vez de — Entre o nosso século, leia-se — Entre Marat e o nosso século. Na mesma pag. o col. linha 21 em lugar de — evitar leia-se — citar.

## FOLHETIM

Na pag. 1 col. 1.ª onde diz — derrama, leia-se — derrame. Col. 2.ª onde diz — e satisfazer-lhe, leia-se — satisfazer-lhe. Pag. 2 col. 2.ª em vez de — sois, nome leia-se — sei mesmo. E em vez de — evoluções respiradas, leia-se — evoluções rapidas. Col. 3.ª em vez de — e a orradiava, leia-se — e a que erra liava. E em vez de — pode ser substituir, leia-se — pode ser substituido; e por que não heide substituir (?)